

LABORATÓRIO DAS ARTES E O BARÃO DE COUBERTIN

Para entrar no espírito olímpico e homenagear o Barão de Coubertin, nada como uma história esportiva. O Laboratório das Artes de Franca é reconhecido hoje como um espaço cultural importante da cidade e região, abrigando um pequeno museu de artes visuais modernas da região e outras atividades culturais. Fruto de um momento histórico datado, de resgate dos movimentos culturais progressistas dos anos 1960 ceifados pela ditadura, o Lab surgiu agrupando inicialmente jovens artistas plásticos da cidade em torno da Fundação Municipal Mário de Andrade, entidade voltada para a arte e a cultura criada em 1977 durante o governo do prefeito Maurício Sandoval. Logo se juntaram também pessoas da cena musical, do teatro e da literatura, como o Grupo Veredas pelo professor Luiz Cruz.

O movimento cresceu e já faz parte da história da cultura local. No entanto, o que pouca gente sabe é que houve uma engraçada inserção do Lab nos esportes. No início dos anos 1980, assumiu o departamento de esportes da Prefeitura o professor Pedro Morilla Fuentes, o Pedrocão, lenda do basquete francano. Com seu dinamismo e imaginação, foi criando atividades como o Passeio a pé Franca-Restinga, a Travessia a Nado de Rifaina e outras. Uma delas foi um torneio aberto de vôlei. Não lembro porque, talvez para divulgar a existência do Lab, resolvemos montar um time para a disputa. Atalie fez uma impressão em silkscreen da logomarca do Lab em camisetas brancas. O elenco era de completos pernas de pau em vôlei, mal sabíamos o que era uma “manchete”, “cortada”, saque. Jogavam craques como eu, Jardel da Makmed e seu irmão Moacir, Titaio e Tinena, Cassiano Pimentel, Paulo Nehemy, acho que até o Gerson chegou a jogar. Quando a tabela saiu, vimos que o Lab logo seria desclassificado, duas derrotas eliminavam o time.

O primeiro jogo foi numa terça-feira à noite no Ginásio Poliesportivo. Hoje palco dos jogos do melhor time de basquete masculino do Brasil, o Poli foi construído para os Jogos Abertos de 1975, substituindo o belo ginásio do Clube dos Bagres, já pequeno para o tamanho da torcida. Foi projetado com uma concepção estreita, desconhecendo a boa arquitetura. Abriram um buraco no chão, colocaram arquibancadas cimentadas nas encostas do buraco e cobriram com um arco metálico. Os vestiários ficaram externos com acesso à quadra por um túnel estreito e baixo e o piso sobre lençol freático que de vez em quando subia e inundava tudo, era muito ruim. A reforma de 1996 melhorou um pouco, mas continua ruim até hoje, longe do que existe de mais moderno em arquitetura desportiva.

O “Pedrocão” é mais um símbolo de bom basquete que uma construção com arquitetura adequada, confortável aos torcedores, acessível e segura para assistir jogos de basquete. Tergiverso, o assunto é outro. Pisamos aquele solo sagrado do basquete francano para jogar vôlei. O adversário era o time da fábrica de sapatos Agabê. Os caras chegaram com uniformes coloridos, meias, calções, tudo muito chic. O Lab mambembe, com sua camiseta branca e calções de várias cores, parecia uma obra do Mondrian. O levantador deles era um baixinho que tinha sido meu aluno de Design na UNIFRAN, o cara era um azougue, estava em toda parte levantando e passando bem a bola, que nem vimos. Tomamos uma tunda por dois sets a zero, ainda fiquei p& *% da vida com o juiz Beto Sad, que deu ponto para os sapateiros porque eu teria pisado na linha ao sacar. Se fosse hoje, poderia pedir desafio, mas na época valia apenas a decisão do juiz.

O segundo jogo foi contra sei lá quem, na quadra cimentada descoberta do Ginásio do Champagnat, numa ensolarada manhã de sábado. Cassiano, muito alto, ainda conseguiu uns bloqueios mas a derrota veio logo pelos mesmos dois sets a zero. Foi o fim da aventura esportiva do Lab das Artes que, felizmente para o esporte francano, retomou seu caminho pela cultura e pela arte.

Mauro Ferreira é arquiteto